

INFRAESTRUTURA

UMA ENCRENCA CHAMADA ENGENHÃO

O ESTÁDIO JOÃO HAVELANGE, QUE VAI ABRIGAR O ATLETISMO NA OLIMPIADA DE 2016, É DE DIFÍCIL ACESSO, FICA EM UMA ÁREA DEGRADADA E SOFRE COM FALTA DE ÁGUA E PROBLEMAS ELÉTRICOS. AGORA, ELE AINDA PODE TER QUE ARRUMAR ESPAÇO PARA OS GIGANTES DO RÚGBI

POR DENIS MACIEL

■ ESCOLTA: Policiais acompanham torcedores antes de um clássico entre Fluminense e Flamengo. Ruas apertadas dificultam o acesso e criam situações de risco

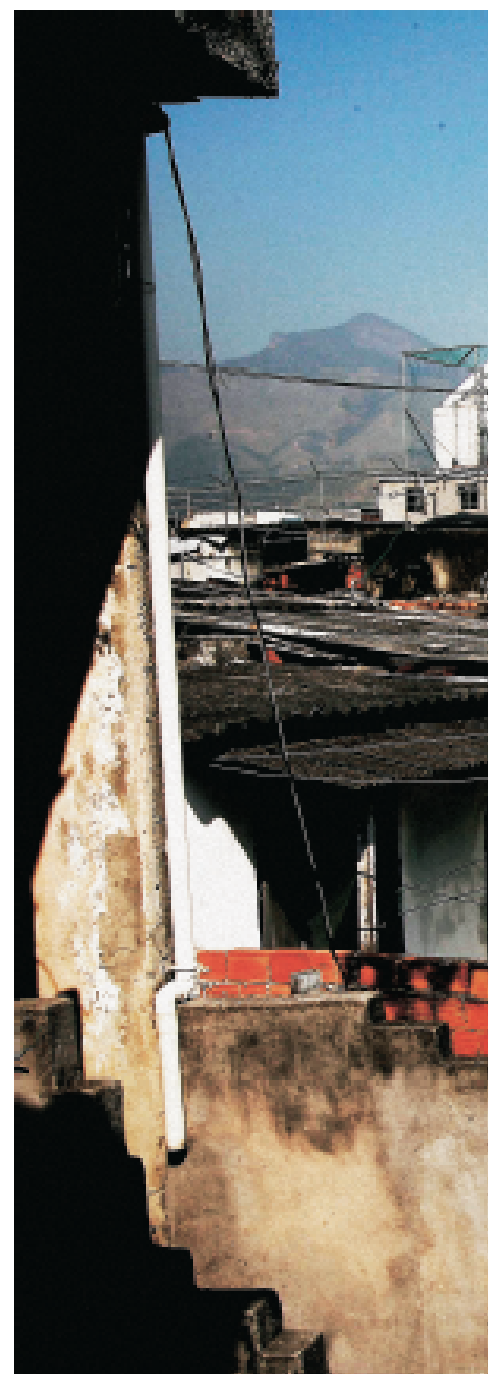


O VÍDEO QUE O RIO DE JANEIRO montou para convencer os membros do Comitê Olímpico Internacional (COI) a escolher a cidade como sede dos Jogos de 2016 corre o risco de ficar desatualizado. Nele, o estádio João Havelange, o Engenhão, abrigaria apenas as competições de atletismo. Agora, no entanto, ele também pode herdar o rúgbi. O esporte não constava da apresentação da candidatura porque seu retorno aos Jogos, após 92 anos, ainda não tinha sido aprovado quando a Cidade Maravilhosa foi escolhida. Após a definição do Rio como sede olímpica, o Comitê Organizador correu para encontrar um local para sediar a modalidade e encontrou em São Januário a alternativa perfeita. Mas ela foi perfeita por apenas dois anos. O Vasco, dono do estádio, não entregou as garantias para a reforma, e o local foi descartado como sede olímpica, ocasionando um problema do tamanho dos brutamontes que disputarão o rúgbi severo no Rio. A alternativa oficialmente estudada pela organização da Olimpíada é transferir o esporte para o Moça Bonita, do Bangu, ou para o Engenhão. Pelo menos duas interrogações pairam sobre a segunda possibilidade: o estádio João Havelange, arrendado pelo Botafogo, tem problemas estruturais e conceituais não resolvidos. Para piorar, o atletismo não gostou nada da ideia de ter de dividir a casa.

O atletismo precisa de tempo para instalar todos os equipamentos de cronometragem, medição e transmissão e preparar a infraestrutura da competição. A possível ida do rúgbi praticamente inviabiliza essa preparação. A 2016 apurou que o Comitê Organizador propõe um espaço de apenas dois dias entre o fim das competições com a bola oval e o início das corridas e saltos. Para a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), simplesmente não dá.

“É preocupante não podermos utilizar as instalações antes dos Jogos”, diz o presidente da entidade, Roberto Gesta de Melo. “Precisamos passar por uma série de testes e fazer um evento preliminar para que se configure toda a questão do equipamento eletrônico.” Para o dirigente, se o rúgbi for realizado no Engenhão, não haverá tempo para esses ajustes. Superintendente-técnico da confederação, Martinho Santos mostra preocupação ainda maior. “Eles realmente querem dar apenas dois dias entre o final do rúgbi e o começo do atletismo”, reclama. “Precisaríamos de três ou quatro dias para ter alguma tranquilidade”, diz. Nélio Moura, técnico que levou Maurten Maggi ao título olímpico do salto em distância em Pequim-2008, é um dos poucos no atletismo que não se incomodam com a possibilidade de os gigantes do rúgbi utilizarem o Engenhão durante a Olimpíada. “Eu nem sabia disso”, diz. “Pensando só no evento, não vejo grandes problemas, porque a gente não treina na pista de competição, com exceção de um único treino de reconhecimento, que seguramente haverá.”

Os problemas do Engenhão não se resumem à questão do rúgbi. Quando foi construído, o projeto previa a revita-





PARA NÃO SAIR DOS TRILHOS

A SUPERVIA, CONCESSIONÁRIA QUE ADMINISTRA o sistema de trens do Rio de Janeiro, promete aumentar de 690 para 871 o número de vagões em toda a malha até os Jogos Olímpicos, além de diminuir o intervalo entre as composições de dez para três minutos. Há também a promessa de ter 100% dos trens com ar-condicionado, equipamento que hoje está apenas em metade da frota. "Estamos nos preparando para o aumento de fluxo e para colocar climatização em todos os trens", diz Paulo Targa, diretor-comercial da SuperVia. "Temos o compromisso de aplicar R\$ 1,2 bilhão no sistema." O executivo também afirma que a estação Engenho de Dentro será amplamente modernizada. A demora na saída dos trens do Engenho após os eventos, contudo, pode continuar. "É normal que haja uma espera para o trem encher e partir lotado, e só então vem o próximo na plataforma."

■ **DEGRADAÇÃO:** Projeto de recuperação dos arredores do estádio João Havelange, feito para o Pan de 2007, não saiu do papel

INFRAESTRUTURA



■ DIAS DE JOGOS: Movimentação ao redor do estádio (à esquerda) atrai ambulantes e trombadinhas. Instalações (acima, à direita), usadas para futebol e atletismo, poderão abrigar também o rúgbi

lização da área ao redor, a modernização e ampliação do sistema de trens que chegam ao bairro do Engenho de Dentro e o alargamento das vias próximas. Nada disso foi feito. Ir ao estádio e voltar dele continua a ser algo demorado, desconfortável e perigoso. É possível gastar mais tempo para entrar e sair, a pé, do que para assistir a uma partida de futebol. Com lotação máxima – o que se espera das competições de atletismo –, é um tormento chegar lá de carro. Há apenas um estacionamento e pode-se levar mais de uma hora para acessá-lo. O trem, administrado pela SuperVia, atende um número reduzido de cariocas devido à pequena malha. Na saída, é preciso esperar os vagões lotarem e isso causa mais demora no retorno. Dentro do estádio, os problemas relatados vão da falta de água nos banheiros até instalações elétricas inadequadas, que dão choques em jornalistas na tribuna de imprensa. Há projetos que devem amenizar esses problemas até 2016, mas o duvidoso legado do Pan-2007 traz mais desconfiança do que certeza. Consultado pela reportagem, o Comitê Organizador dos Jogos informou que não vai se pronunciar até que haja uma definição final para o rúgbi. O Botafogo, que administra o estádio, também não fala sobre o assunto.

Quem viu a promessa de revitalização dos arredores do estádio não sair do papel após os Jogos Pan-Americanos não escorda a preocupação com o local e o possível acúmulo de mais torcedores. Para Sidney Menezes, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, o Engenho é um ponto crítico da organização dos Jogos. "Se os governos não fizerem as intervenções necessárias ali, teremos um grande problema", diz. "Há questões seríssimas do ponto de vista viário e de infraestrutura urbana." Para Menezes, uma das principais pedras no caminho é o que ele chama de gargalo viário. Tirar os estádios do centro e levar para regiões mais afastadas das cidades é uma tendência que foi aplicada a grandes arenas montadas no mundo nas últimas duas décadas. O Engenho de Dentro, porém, apesar de ser relativamente longe da área central do Rio, não é propriamente uma região desabitada. As vias no entorno do Engenho são estreitas. Mesmo com desapropriações e alargamento das ruas Das Oficinas e José dos Reis, há dúvidas sobre quanto isso efetivamente vai ajudar no trânsito. A prefeitura ergueu o Viaduto da Abolição para facilitar a saída do estádio e a chegada à linha amarela. É um avanço tímido em relação ao tamanho do impasse, que envolve, além do pesado tráfego de carros e ônibus, o escoamento



■ **TUMULTO:** Torcedores se aglomeraram para comprar ingressos, cena comum mesmo em jogos menos importantes

de uma multidão de 50 mil pessoas por evento.

Os moradores do Engenho de Dentro, que esperavam uma revitalização total com a construção do estádio, também aguardam o cumprimento das promessas. "O projeto era muito bom, mas apenas o estádio em si foi insuficiente para garantir a renovação da área", diz Menezes. Em 2005, o então prefeito César Maia sancionou uma lei que transformava a região do Engenho em uma área de especial interesse urbano. A ideia era renovar a vizinhança, essencialmente residencial, e possibilitar o crescimento de um centro comercial moderno, que atenderia os moradores e os torcedores. A falta de fomento deixou o projeto estagnado. Em dias de jogos, a degradada área ao redor vira terreno fértil para a ação de trombadinhas e ladrões de carros. Além disso, o próprio estádio, pelas dificuldades de acesso, não caiu no gosto dos cariocas. As arquibancadas estão frequentemente vazias, mesmo no Brasileiro. Até em jogos do Flamengo, clube de maior torcida do País, é difícil haver lotação. A possível inclusão do rugby aumenta os desafios do Engenho e dos organizadores da Olimpíada. A esperança é de que o legado positivo, quase inexistente após os Jogos Pan-Americanos de 2007, ganhe mais uma chance de virar realidade. ●

